

Série de livros infantis reúne tradição oral de diversos povos

FRANCESCA ANGIOLILLO
DA REPORTAGEM LOCAL

Mitos se perpetuam na tradição oral, e não pela escrita. Mesmo assim, há quem acredite que eles sejam uma forma literária. Um conjunto de mitos não é um livro de história. Mesmo assim, nos ensina muito sobre um povo.

Partindo desses dois pressupostos, uma série de livros infantis acaba de ser inaugurada, com a missão de alargar a fina linha que separa o mito da narrativa folclórica. A coleção Mitos do Mundo (Cosac & Naify) quer ensinar aos pequenos leitores histórias que povos, próximos ou distantes, continuam contando.

Sim, porque, sobretudo, os mitos são histórias sem fim, uma vez que não há, para eles, versões definitivas. Sendo transmitidos de boca em boca há séculos, vão sendo adaptados, modificados, atualizados — tornam-se eternos.

Para garantir que as versões escritas se mantenham fiéis às fontes e próximas do frescor da matriz oral, a editora Maria José Silveira convidou cientistas sociais e literatos para assinar a série.

A primeira autora é a antropóloga Betty Mindlin. Fascinada pelas histórias dos povos indígenas brasileiros desde que começou a estudar a economia dos suruí de Rondônia, em 78, ela abre a coleção com "O Primeiro Homem".

"A idéia, quando escrevemos, não é cristalizar esses mitos. Digo aos narradores que eles não têm que contar como está escrito, que é para continuar contando e mudando", ressalta a antropóloga.

Mindlin, que também coordena a série, faz questão de frisar o caráter autoral do narrador. No fim do livro, notas explicam quem contou o conto e em que situação ele foi coletado. Como fez em seus quatro livros de mitos anteriores, os índios contadores recebem parte dos direitos de publicação.

A "co-autora" diz que seu trabalho foi "tentar trazer os relatos para o português, com uma forma literária gostosa de ler, mas fiel", diz Mindlin, que deixa clara, durante a entrevista à Folha, sua preocupação com a linguagem.

Ela parece se sentir como uma missionária às avessas. "Tenho obrigação de transmitir, porque sou uma privilegiada; eles não contam para qualquer um", diz a pesquisadora, para quem a experiência de ouvir os narradores indígenas é como ver "tesouros saindo de bocas desdentadas".

Essa é a justificativa que Mindlin dá para ter escolhido temas, mas não a linguagem que usaria, aproximando seu trabalho de uma tradução quase literal. "É possível recontar, mas —isso é coisa minha— quis colocar a voz dos índios." Para ela, criar uma narrativa a partir do que ouviu poria a perder "uma forma própria, tanto oral quanto do índio".

Buscou reunir histórias que julgasse adequadas para crianças de oito a 12 anos, às quais se destina a coleção. Assim, chegou aos nove relatos, transpostos de cinco línguas indígenas, que compõem "O Primeiro Homem" — "uma parcela ínfima" dos "pelo menos mil" que estima ter coletado, em 15

TRECHO

"Quando aparecia a cabeça de um homem ou mulher que não era índio querendo sair, Toba empurrava de volta para o buraco. O pessoal começou a demorar muito para sair. Havia uma mulher linda que, ao chegar à saída, lembrou que deixara a peneira lá embaixo; voltou para buscar. (...) Se tivesse saído, as pessoas hoje seriam lindíssimas (...). Toba pôs a rocha no lugar e fez banco e esteira para as pessoas sentarem. Começou então a consertá-las e separá-las em povos diferentes. Cortou os chifres, rabos, serrou os pés de pato. Era uma operação demorada, e, cada vez que o sol estava quase se pondo, Toba puxava-o para cima outra vez (...)."

DE "O PRIMEIRO HOMEM", da antropóloga Betty Mindlin

idiomas, desde que passou a se dedicar de forma sistemática a ouvir os narradores, em 83.

Já para determinar o que era "adequado", Mindlin não se valeu só de seus próprios critérios. Se assim fosse, as narrativas escolhidas teriam outro caráter. Ela conta que, entre os índios, há histórias específicas para crianças, mas não se impede que elas ouçam as de caráter sexualizado, por exemplo.

Como para a antropóloga, porém, o livro é um "primeiro passo para mostrar o universo dos índios", ela espera que ele chegue às escolas. E o sistema educacional, diz, impõe certos limites. "Acho que não deveria haver tanta censura, mas algumas histórias são de conteúdo muito forte", diz.

"Crianças não têm preconceitos com mundos novos; adultos têm." Para ela, a adoção escolar dos livros da série é altamente desejável porque "poder conhecer um povo que é outro, que muitas vezes é tido como menor, primitivo, destrói o preconceito".

Ela acredita que "a série é nova em múltiplas formas". "Os mitos estão nas escolas —na mitologia grega, na Bíblia—, mas os dos livros são coisas vivas."

Betty Mindlin e Maria José Silveira, que escolheram juntas os primeiros autores (leia ao lado), já têm planos para outros livros, como um de ciganos.

O PRIMEIRO HOMEM E OUTROS MITOS DOS ÍNDIOS BRASILEIROS. De: Betty Mindlin. Editora: Cosac & Naify (tel. 0/xx/11/255-8808). Ilustrações de Luana Geiger. Primeira edição. 80 págs. R\$ 25.

Histórias sem fim



Ilustração de Luana Geiger para o livro que abre a série em que estudiosos contam a crianças mitos de povos próximos e distantes

TRECHO

"Há muito tempo, num antigo país da África, 16 príncipes negros trabalhavam juntos numa missão da mais alta importância para seu povo, povo que chamamos de iorubá. Seu ofício era colecionar e contar histórias. O tradicional povo iorubá acreditava que tudo na vida se repete. Assim, o que acontece e acontecerá na vida de alguém já aconteceu muito antes a outra pessoa. Saber (...) as histórias do passado significava para eles saber o que acontece e o que vai acontecer na vida daqueles que vivem o presente. E as histórias tinham que ser (...) transmitidas de boca em boca (...) pois, como muitos outros velhos povos do mundo, os iorubás antigos não conheciam a palavra escrita."

DE "OS PRÍNCIPES DO DESTINO", do sociólogo Reginaldo Prandi

Acadêmicos vencem o desafio de serem didáticos sem serem chatos

DA REPORTAGEM LOCAL

Depois dos povos indígenas, o próximo volume da série Mitos do Mundo é dedicado ao povo que, com os nativos daqui e os brancos europeus, forma a raiz da formação do Brasil: os negros.

Para contar histórias dos povos afro-brasileiros, Maria José Silveira e Betty Mindlin convocaram um dos maiores especialistas do assunto, o sociólogo Reginaldo Prandi, que lançou, no ano passado, o bem-sucedido "Mitologia dos Orixás" (Companhia das Letras, 624 págs., R\$ 43,50).

Além do sucesso editorial de "Mitologia", que acaba de chegar à quarta edição, como Betty Mindlin, Prandi tem uma longa carreira voltada ao povo cuja voz assume para a nova série —há mais de 20 anos, ele se dedica a estudar mitos afro-brasileiros.

Para escrever "Os Príncipes do Destino - Histórias da Mitologia Afro-Brasileira", Prandi partiu do trabalho do professor Agenor Miranda Rocha, primeiro estudioso dos candomblés no Brasil. Mais precisamente, dos cadernos que Miranda Rocha escreveu a partir de 28 e ele organizou em "Caminhos de Odu" (Pallas, R\$ 19).

Como mitos de qualquer outra origem, os afro-brasileiros também apresentam inúmeras variações. "Sendo a mitologia transmitida oralmente, ela pode sofrer alterações de um narrador para outro. Não tem o ditado que diz que quem conta um conto aumenta um ponto? Como 'Os Príncipes do Destino' se baseia nas histórias contadas em 'Caminhos de Odu', eu uso a versão que está nesta fonte", explica Prandi à Folha.

Os odus, na tradição iorubá,

eram justamente príncipes contadores de histórias (leia trecho ao lado). "Há diversas tradições de candomblé no Brasil, as de origem iorubá ou nagô, as de origem fô ou jeje e as de origem banto ou angola-congo. O candomblé que cultua os orixás é de origem iorubá [da Nigéria e do Benin], e é este o mais conhecido e mais divulgado", continua Prandi.

"Não era de iorubás o maior contingente de escravos trazido para o Brasil, mas foram eles os últimos trazidos, quando os escravos já eram usados nas cidades e não mais eram dispersos nos campos e nas minas. Por serem mais recentes e terem sido concentrados é que suas tradições puderam ser mais bem conservadas, em comparação com outras, que acabaram mais diluídas e esquecidas —daí que sua mitologia esteja muito perdida."

Diferentemente do livro de Betty Mindlin, o de Prandi está estruturado como se fosse uma só trama. Nela, os 16 odus se reúnem 16 vezes, a cada 16 dias, na casa de seu deus maior, Ifá, para contar histórias que teriam visto ou vivido. São esses relatos que Prandi reconta no livro, que está em fase de revisão e deve sair em julho ou agosto, segundo o autor.

Prandi diz que, escrevendo "Os Príncipes do Destino", contou várias vezes as histórias para crianças, a fim de estabelecer a melhor forma para o livro e de usar "os enredos que poderiam chamar a atenção" do público mirim.

"Uso uma linguagem que acho mais acessível. Os mitos não têm uma forma definitiva, então me coloco como um contador de histórias, ponho as minhas ênfases. Crianças se interessam por deta-

lhes. Se falo de comida, querem saber que gosto tem. Se um personagem subir numa árvore, querem saber como foi."

Didatismo

O desafio de colocar informações didáticas sobre os povos abordados, sem serem áridos, foi habilmente vencido pelos dois primeiros livros da série.

Enquanto Betty Mindlin opta por notas de rodapé, Prandi incorporou as explicações no corpo do texto. A antropóloga se preocupou em manter a oralidade indígena sendo o mais literal possível. Já o sociólogo usa uma linguagem mais própria sua, mas ainda assim o resultado se aproxima do tom de um relato ouvido.

A próxima autora é Lúcia Fabrin Almeida, que conduz a nau da Cosac & Naify para a Índia.

Como para seus colegas, a experiência de escrever para crianças era nova para a estudiosa de literatura indiana. Ela diz que a seleção de contos para seu livro —que se chamará "O Cabeça de Elefante e Outras Histórias da Índia" — está em fase de ilustração —a preocupou um pouco. "Normalmente mitos indianos são muito metafísicos", diz.

Assim, diz ter buscado histórias dinâmicas e que fossem protagonizadas por animais ("criança gosta de bicho"). São quatro mitos, que trazem personagens como o macaco Hanuman, personagem do épico "Ramayana", e o deus-elefante Ganesha, "que dissolve os obstáculos".

Por fim, o antropólogo Rodrigo Montoya trabalha para contar mitos andinos direto de um de seus berços: o Peru, onde ele também nasceu. (FA)



Paulo Monteiro ilustra o próximo livro, com mitos afro-brasileiros contados por Reginaldo Prandi